Poesia

Primeira

Cláudio Loes

Cláudio Loes

Poesia

Primeira

Francisco Beltrão
1ª Edição
2022

Sonho sem fim

Começou bem devagarzinho
O sonho com excesso de neve.
Fazia muito frio dentro e fora
Sem você ao meu lado.

Depois saí pelas ruas
Cambaleando tontamente.
Enfermo e com os pés inchados
Queria logo chegar até você.

O caminho foi muito longo e penoso.
Fiquei perdido em paisagens sedutoras.
Quantas bifurcações, encruzilhadas,
Muitas escolhas erradas.

Agora?
Agora vou parar neste balcão,
Ouvir mais uma vez nossa música
E continuar a sonhar.

Ondas

Olhei o abismo,
Tudo era novo.
Os dedos jovens
Trovejavam emoções.

Uma corrida forte,
Não consigo acompanhar.
O compasso é curto
E meu passo também.

Uma pausa,
Um respiro.
Inspire.
Expire.

Vivo assim,
Nos altos e baixos,
Nas ondas que vão,
Nas ondas que vem.

Um só, contigo.

Olho sempre mais longe.
Pensas que nada sei?
Que cheguei aqui vazio?
Ledo engano de quem me vê.

Sei quem maltratou e maltrata,
Quero manter distância.
Minhas algemas do passado
São as dores que sinto agora.

Não se engane, não sinta pena,
Já percebi que és diferente.
Olhas mais longe,
Nada perdes na penumbra.

Estou melhor e continuo atento.
Minha esperança se mantém viva.
Se quiseres ficar comigo
Serei feliz sendo um só, contigo.

Balanço

O pêndulo vai
O pêndulo volta
O barco sobe
O barco desce

Algo se perde
Ou se apaga pra mim

De tic em tac
O novo começa
Algo floresce

Um balanço
Para a vida balançar
Vai lá em cima
Depois volta

Rotina

Pesa o mundo
E resisto.

Passo na praça,
Observo,
Explodo sem rir.

Os recados
Deixo na trilha do tempo
E assino todos.

Vivo
Enganando a morte
Todos os dias.

Azul

Cheguei correndo
E minha companheira
Estava lá na horizontal
Esperando como sempre

Muitas vezes ela foi dura
Não queria liberar
Seu líquido maravilhoso
Para poder deslizar suave

Em outras deixou tudo correr
Uma mancha enorme
Para truncar as ideias
E obrigar a desistir

Como poderia viver sem ela?
Penso que não sei
Ela é só minha
Minha tinteiro azul

Sempre as estrelas

Corriam lágrimas
No rosto quente
Da dor recente
De uma batida forte

Cambaleou pela rua
Equilibrando o corpo nu
Sem ter onde buscar abrigo
O chão acolheu seu rosto

O céu cobriu a lua cheia
Nuvens fantasmagóricas
E muito densas
Para que ela não visse nada daquilo

Caiu ali seu eterno namorado
Dos sonhos ao luar
Por ter descoberto
A beleza das estrelas

Um sonho

A noite é diferente
Quando o olhar silencia
Trazendo a música forte
Para levar tudo adiante

Importa viver
Mesmo que longe
De onde se queira estar
Para sorrir bestamente

Aqui imagino a burrice
A ignorância de quem não vem
E perde a oportunidade
De um prazer inesquecível

Segue a vida
Até o último acorde
O último aplauso
A solidão do palco vazio

Tarde nostálgica

Fim de tarde
Sol fugindo lá longe
Na linha do horizonte
Para encontrar com a noite

As ondas vão e vem
Um sussurro acolhedor
Chegando de mansinho
Para não assustar

Vislumbro o paraíso
O sonho que engana
Trazendo paz
Onde a solidão quer imperar

Melhor nunca mais sair
Deixar tudo como está
A vida é curta
Então melhor a nostalgia

Começar é preciso

A primeira nota
O primeiro olhar
O primeiro toque
A magia primária

Seguem os passos
As cordas
A cadência sem limite
No lado a lado

Quanto tempo se passou?
Nunca vi antes
Tal beleza celestial
Fiquei sem palavras

Segui assim inerte
Até sair do lugar
Dar o primeiro passo
Para a dança começar

Planetoide

Onde estou?
Aqui está escuro
E longe vejo um ponto
Um brilho leve

A mudança está chegando
Mais pontos brilhantes
Um raio de sensibilidade
Entre vazios existenciais

Tudo cega claramente
Impossível ver além
Toda realidade inexistente
É uma projeção de sombras

O véu breu cobre tudo
E tira a solidão da bagagem
Tão rápido e escuro de novo
Onde estarei?

Fuga

Vamos!
Acorde!
Está na hora de partir
As flores estão por toda a parte

O sol começa tímido
A brisa rastela as folhas
Os pássaros esticam suas asas
E nós elevamos nossos braços

Vamos!
Mais rápido!
O caminho ainda é longo
Precisamos acreditar no impossível

A vida marcha lentamente
Pela agonia da existência
Será melhor quando estivermos longe
Bem longe daqui

Pense rápido!

Quando o temporal se avizinha
A criançada volta num raio,
As mães disparam como foguete
Para recolher a roupa do varal.

Quando a liberdade existe
Ela sempre vai mais longe,
Onde começa seu limite,
Há a liberdade do outro também.

Quando é só uma pergunta,
Uma dúvida e nada mais...
É preciso ouvir muito bem
Para não cair no esquecimento.

Quando os tempos são outros
A confusão multiplica como formiga,
Muitos correm daqui e dali
Sem entender muito de nada.

Água é vida

Não chove faz um tempão
Todo mundo aqui se queixa
Mas nem tudo está perdido
Quando vem a chuva forte
É preciso inteligência
E reservar uma parte
Guardar para o depois
Não adiante açude grande
O sol quente leva embora
É preciso plantar mais
Muitas árvores ao redor
Para tudo ficar verde
Agrofloresta é solução
Vou ficando por aqui
Era só para lembrar
Sempre tem adaptação
Para poder viver melhor
O que falta é ação

Para viver melhor

Tudo em volta está pesado
Sem sentido
Arrebentando os diques
De uma existência passageira

A passagem é curta
A porta estreita
As ideias terminam
As possibilidades ficam escassas

Tudo isso já sabemos
Conhecemos o resultado
E não aprendemos nada
Quase nada sobre nosso ser

Ser positivo não quer dizer mofo
Encarar com alegria e felicidade
Um bom começo para ter vantagem
Para viver mais e melhor

Prisão

Quando as paredes se fecham
As portas e janelas somem.
Nada pode ser feito,
Dirá o pessimista em seus sonhos.

Alguma ideia?
Podem ser poucas.
Nada de perder a chance,
Sempre é possível encontrar a saída.

Um pouco mais,
Se pensar encontrará
A nova nota,
A música da vida em eterno recomeço.

É preciso sair da prisão,
Daquilo que nos prende,
Que faz acreditar que não é possível.
Só existe uma saída, acreditar!

Lutar

Lutar por existir
Desde o primeiro raio de luz
A dor queimou profundamente
Forjando novo ser

Agora com olhar vago
Em meio à poeira
Avisto soldados
Soldados de terracota

Estão ali parados
Escondidos nas artimanhas
Esperando uma ordem
Um movimento para avançar

O silêncio é maior
Lutar é preciso
Só para sobreviver
Jamais para se impor sem necessidade

Retorno

Olho sempre longe
E tropeço pela estrada
Sem reclamar de nada
Nem do calor que afaga o rosto
Tudo para sentir
Passar sem demora
A areia do tempo
Pelos meus dedos calejados

De nada disso me queixo
E colho no fim de tarde
A solidão de um pôr do sol
Já vi muitos deles
E não me canso de ver

Quando o sol parte
Sonho também um dia partir
Para não mais perder a oportunidade
De estar com ele todas as tardes
Dando um até breve

Pink

Venho sonhando acordado
Com o sol já bem alto
Lá na mata do cerro dourado
A pantera passa ligeiro

Ela é diferente
Nunca tinha visto antes
Acho que dormi demais
Devo estar em outro lugar

Ela tem passos lentos
Olha para mim com desdém
E estica um pouco mais
Sua rosada silhueta

Nem sei se vou temer
Correr de tal visão
Ou se vou embalar
E dormir mais um pouco

Valeu a pena

Dos olhares matinais
Brotam turvas sonolências,
Crises do pular da cama,
De encarar o sol de frente.

Toda vida, assim também,
Geme num choro sentido
De alegrias passageiras,
Dificuldades diárias.

Será tudo sem sentido?
Penar, sofrer com desgraça,
Existir dia pós dia,
Só por estar obrigado?

Isto só nós saberemos
Quando na linha final
O riso brotar alegre.
Enfim, tudo valeu a pena.

Sou

Deixar de ser
Só piora tudo
O chão se parte
E mergulho fundo

Lá não tem nada
A espera é inútil
Sem nada para fazer
Só cair salvará

Caia na tentação
Aquela oferecida por ele
Não desconfie
Vá em frente

É preciso cair
Pensar por si
Ser livre
Voar para o infinito

Mais um dia

Na viagem sem volta
O dia de hoje se perdeu
Saiu meio de lado
Até brilhar no horizonte

Passou rasante além das nuvens
Sem esperar mais nada
Foi decaindo em silêncio
Com os últimos gorjeios

Agora um instante
Um click silencioso
Na paz da noite rubra
Para aquecer o retorno

O silêncio impera
As aves estão dormindo
Passo sem pressa
Para deixar a noite vir

Pediu pouco

A solidão chegou
Pediu pouso
Pousou no coração
Na linha do horizonte

Penso ir lá fora
Tomar um ar fresco
Sentir a noite
Velejar com o luar

Não preciso de nada
Basta a solidão
Ela está de volta
Brilha no céu

Uma estrela solitária
Pediu pouco
Pousou no meu coração
Sou feliz assim

Dois lados

Vejo você
Está ali
Passa um sorriso
Sem perceber vivo

O balcão é longo
Tudo no meio é vazio
Sou refém do passado
Daquilo que nos separa

Olho você
Do outro lado
Um olhar sincero
A despedida duvidosa

O futuro só existirá
Se abandonar o passado
Se eu sair deste lugar
E ficar mais perto de você

Novo amanhecer

Tudo está escuro
Já não se vê nada
Além do muro
Cheio de bilhetes rasurados

A rua das ilusões
Desparece com a estação
Basta caírem as folhas
Do outono esperado

Quando começar a chuva
Acalme-se e respire
O vapor sobe aos poucos
Descortina-se a esperança

Tranque a luz
Tire esta porta
Parta sem demora
Para o novo amanhecer

Não pare

As sombras ficaram
E a noite já passa devagar
Sem a lua para acalentar
Um coração em remendos

Tudo fica em silêncio
A rua sumiu na curva
As nuvens pairam silenciosas
Sem nenhum esforço

Um final de subida forte
A vida que passa pelo fio
Sem ter fechadura para abrir
A porta ficará fechada

Quero sair
Procurar o sol escondido
Na manhã que vai demorar
Sou teimoso até a última nota

CLÁUDIO LOES

Nasceu em 1959, em Blumenau/SC, reside, atualmente, em Francisco Beltrão/PR. É filósofo, engenheiro elétrico, especialista em Educação Ambiental, escritor, poeta e articulista. Desenvolveu e coordena o projeto Aqui Livros para incentivar a leitura pela socialização e circulação dos livros. É Associado do Centro de Letras do Paraná; é Associado Correspondente da Academia Paranaense da Poesia; é Membro do Centro de Letras de Francisco Beltrão. Publicações: Sete Ventos, 2018, eBook do autor pela Amazon, pequenas estórias; Sonho, 2018, eBook do Autor pela Amazon, poemas; Sonho, 2018, impresso, Edição do Autor; Informações básicas para fazer compostagem, 2018, eBook do autor pela Amazon. Participou das coletâneas: Tudo em Versos, 2018; Trincas que me Trincam, 2020; Conexão VI - Antologia Feira do Poeta, 2021; aldra VIAS curitibanas, 2022. Publica semanalmente poema no Jornal Opinião; colunista na Via Poiesis, Jornal Folha do Sudoeste; colunista na Revista Educação Ambiental em Ação.